


## EDITORIAL

A **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura (ReBEH)** é uma realização da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura (ABEH). É importante destacar que o fato do nome da referida associação constar homocultura não significa dizer que está reduzida aos estudos da homossexualidade ou das homossexualidades, este termo era utilizado na época da criação da ABEH como aquele que melhor representava as sexualidades dissidentes fora das normas tradicionais e conservadoras. Com o surgimento de novos conceitos para o reconhecimento da diversidade sexual o leque de estudos produzidos pela ABEH foi ampliado. Os/As filiados e filiadas optaram por manter o nome da instituição por um respeito ao contexto histórico da época em que foi criada.

A ABEH é uma entidade sem fins lucrativos, fundada em 2001, que tem como principal proposta fomentar e realizar intercâmbios e pesquisas sobre a diversidade sexual e de gênero. Ela congrega professores/as, alunos/as de graduação e pós-graduação, profissionais, pesquisadores/as, ativistas e demais interessados/as nas temáticas de gênero, sexualidade e raça/etnia.

A ReBEH foi pensada como alternativa de produção de conhecimento na temática de Gênero e diversidade sexual, ampliando a produção editorial da ABEH que ocorria a cada dois anos em cada congresso. A ReBEH torna-se um espaço para novas publicações, em edições trimestrais. Para a capa deste número contamos com as fotografias gentilmente cedidas pela Professora Simone Brandão Souza (UFRB) e diagramação de Felipe Bruno Martins Fernandes (UFBA). Nesta edição, também contribuíram: Karina Custódio (UFT) e Elaine Gonzaga (UFG), que colaboraram com a realização da entrevista; Cristina Vianna Moreira dos Santos (UFT), Victor Hugo Souza (UFMT) e Ayrton Senna S. Amaral (UFMT), que colaboraram na revisão textual.

A 3ª ReBEH, está sendo lançada no dia 22 de outubro de 2018, às vésperas do segundo turno das eleições presidenciais no Brasil, que ocorre entre o candidato Fernando Haddad (Partido dos Trabalhadores) e Jair Bolsonaro (Partido Social Liberal). Sendo este último, um deputado com mandato envolvendo diversas posturas violentas e incitadoras de ódio as mulheres, LGBT e negros. A atual eleição está imbuída em um campo de pós-verdades disseminadas através de “fakenews” pelo whats app, especialmente por parte do eleitorado de Bolsonaro, que tem reunido setores ruralistas,



teocráticos e militares. Uma das principais notícias falsas, que a campanha de Bolsonaro publicizou, se trata de um livro sobre sexualidade que o mesmo levou em rede nacional exibindo-o como um material que afirma ter sido distribuído pelo Ministério da Educação (MEC) na gestão de Haddad, seu oponente eleitoral. Uma inverdade que as ciências sociais e humanas podem atestar, com os inúmeros artigos, dissertações e teses que contam o processo que envolveu o Kit Escola sem Homofobia, nomeada pelos fundamentalistas de “Kit Gay”. Esse material, que não é o mesmo levado por Bolsonaro ao Jornal Nacional, foi vetado ainda no governo Dilma. O livro levado pelo presidente, seria então um livro de uma escritora estrangeira recém traduzido no Brasil e disponibilizado em uma biblioteca pública pela própria editora. Este cenário demonstra riscos as conquistas de direitos humanos advindos de pressão dos movimentos feministas, LGBT e Negro. Mas também, uma ameaça à democracia levando as ruas, ainda no primeiro turno, milhares de pessoas que levantaram a hashtag #EleNão, para denunciar este contexto mundialmente frente ao fato de o mesmo candidato possuir o maior percentual de votos naquele momento.

Sabe-se que o cenário de violência contra pessoas LGBT aumentou consideravelmente neste período eleitoral, sendo que em algumas destas situações de violência o nome do candidato era gritado ao mesmo tempo em que se golpeava os corpos das vítimas esfaqueadas. Moa do Catendê, mestre de capoeira na Bahia, assassinado por assumir ter votado no PT no primeiro turno das eleições; a transexual Laysa Fortuna, no Sergipe, e a travesti Priscilla, assassinadas aos gritos de “Bolsonaro, presidente!”. O fascismo e a iminência de um governo autoritário, no Brasil, é visível e mesmo com uma derrota de Bolsonaro nas urnas, os discursos de ódio e o percentual expressivo de votantes nele são sem dúvida uma derrota para os direitos humanos e para o sentido democrático nacional. Não mediremos esforços para resistir e reexistir, nosso luto sempre foi luta!

A capa deste número traz entre suas três imagens um dia de orgulho durante a Parada LGBT de Cachoeira, na Bahia. Esta terceira edição traz a potência do processo de engajamento feminista, a partir de experiência de ativismos e produção de saberes distintos, que vão desde a ampliação da participação política das mulheres, o enfrentamento a violência à resistência a heterossexualidade compulsória a partir de vivências lésbicas na arte, na ciência e nas ruas. O conceito de “interseccionalidade” tergiversa grande partes dos trabalhos publicados, destacando a urgência de pensarmos

gênero, raça, sexualidade e classe social sem negligenciar nenhuma destas dimensões da vida social.


Neste terceiro número contamos com os artigos de: Mônica Saldanha, intitulado “**Lesbianizar o irrepresentável**”, que discute possibilidades renovadas de uma leitura lesbiana das políticas de gênero e sexualidade; Ineildes Calheiro e Eduardo Dvid Oliveira, intitulado “**Interseccionalidade no esporte**”, que vão refletir sobre o método corpo-experiência a partir de um estudo com árbitras de futebol; Karoline Soares Chaves problematiza, em “**Gênero e Raça: intersecções, movimentos sociais e enfrentamento à violência**”, questões concernentes a interseccionalidade de gênero e raça no âmbito da violência contra mulher no Brasil destacando a atuação da Marcha Nacional de Mulheres Negras; Beliza S. Lopes apresenta em “**A participação política das mulheres**”, um resgate desde o movimento sufragista ao atual cenário de cotas eleitorais no Brasil.

Na seção de **Entrevistas**, a pesquisadora e militante **Ana Cristina Santos** ou Negra Cris, é entrevistada por **Bruna Irineu, Elaine Gonzaga e Karina Custódio**. A trajetória da mulher, negra, lésbica, professora, militante e pesquisadora é destacada a partir da centralidade do conceito de interseccionalidade e da indissociabilidade entre academia e ativismo.

O **Ensaio** de Rubenilson Pereira de Araújo, também se faz presente nesta edição, sendo ele intitulado “**A escrita de si, práticas discursivas socioculturais e ficção no desejo homoerótico feminino em Cassandra Rios**”. Nele, o pesquisador destaca a obra da escritora lésbica brasileira Cassandra Rios, observando o desejo homoerótico a partir da resistência cultural convertida em uma forma de escrita de si realizada pela escritora em suas obras.

Na seção **Tessituras Artísticas**, Gabriela Alves e Karolyne Mendes, apresentam o processo de produção do documentário “Riscadas”, que aborda as intervenções artísticas visuais de mulheres no centro de Vitória – ES, uma das dez capitais mais violentas do país para a vida mulheres. No artigo “**Arte e enfrentamento à violência contra a mulher no espaço urbano de Vitória/ES: o documentário Riscadas**”, as pesquisadoras articulam relato e imagens que denunciam o androcentrismo e o sexismo dos símbolos e monumentos de uma cidade marcada pela desigualdade de gênero.

O **Relato de Experiência** deste número versa sobre experiências de um projeto de Ativismo Lésbico. Ana Castello e Dani Barsoumian relatam a intervenção realizada



em Palmas – TO, com o projeto “**Cola Sapatão**”, que construiu juntamente com jovens lésbicas e bissexuais roteiros de sociabilidade e intervenções de rua evidenciando a lesbianidade em um contexto de recente proibição do debate de gênero nas escolas por uma medida provisória da prefeitura municipal de Palmas.

Na seção de **Resenhas**, Renata Gomes da Costa, apresenta o livro “**Gênero, Patriarcado e Violência**”, de Heleieth Saffioti. O livro, reeditado pela Expressão Popular em 2015 no Brasil, foi contribuição central para o debate sobre violência contra a mulher no início dos anos 2000.

O número três da ReBEH traz em Documentos: o Edital do Alojamento para Estudantes e Restaurante Universitário para o Congresso da ABEH; o edital de convocação da Assembleia da ABEH durante o CINABEH; e a Chamada de envio de artigos para o Dossiê Especial “Saúde Mental, Gênero, Sexualidade: perspectivas interseccionais”, sob organização de Marco José Duarte (UFJF) e Cristina Vianna Moreira dos Santos (UFT), que será lançado no quinto número da revista, prevista para março de 2019.

Boa leitura!

**Editorial Chefe**

Bruna Andrade Irineu (UFMT)

Luma Andrade Nogueira (UNILAB)